

Carlos Vaz

O Estrangulador de Bonecos de Neve

Labirinto

O título *O Estrangulador de Bonecos de Neve* confronta-nos com múltiplas emoções e a ele correspondem quarenta e sete contos do novo livro de Carlos Vaz. Três das histórias entrelaçam este “estrangulador” (páginas 11, 46 e 57); são uma respiração que expressa as infinitas possibilidades inovadoras da escrita. Esse é, aliás, o timbre da criatividade de Carlos Vaz tanto na ficção como na poesia, áreas que tem vindo a trabalhar com um extraordinário sentido estético, apostado no aprofundamento e no pulsar da palavra enquanto síntese das grandezas e misérias da condição humana.

Desses microcontos ressaltam metáforas da violência (violência compulsiva) e da impunidade. O homem cria e destrói o seu “boneco de neve”, dia após dia, limpando bem a “cena do crime” para “não deixar quaisquer vestígios forenses”. Depois, na primavera, vai aos jardins e estrangula “ (...) as ramadas em conjunto, tapando a boca de cada uma das folhas para não chamarem o jardineiro”. Mais adiante, num toque de mestre, Carlos Vaz faz o “meticuloso assassino de bonecos”, “alérgico à avena”, cair nas suas próprias teias, espirrando até mais não ao tentar estrangular espanta-pardais. Então desiste. Em termos de provas ADN, os espirros levam a melhor!

Com ilustrações de Júlio Cunha, Mário Rebelo de Sousa, Isabel Ferreira Alves, Evelina Oliveira, Constança Lucas e César Taíbo, *O Estrangulador de Bonecos de Neve* é um livro intenso num registo de narrativa curta, depurada, chegando a desenvolver-se num movimento circular, de modo a que a alegoria organize a reflexão plena (caso do primeiro e último textos à volta de livros e leitores).

Num misto de sonho e de angústia, Carlos Vaz satiriza a “insuportável leveza das coisas”. Da inquietação nasce uma luminosa busca interior e um distinto sentido crítico.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*